Artigo publicado na Revista Praia Vermelha, 22-2, de 2012 (pg 41-48)

Vivemos tempos difíceis!

I

A última grande revolução foi a chinesa. Entre 1917 e 1949, por quase exatos 32 anos – 7 de novembro foi a tomada do poder pelos bolcheviques, 1º de dezembro foi a entrada do Exército Vermelho em Pequim – o mundo assistiu à maior de todas as ondas revolucionárias. Nenhum período de três décadas, no passado – sequer os 26 anos da grande Revolução Francesa, nela incluindo o período napoleônico e as repercussões internacionais que se seguiram à queda da Bastilha –, podem ser comparadas com o que a primeira metade do século XX vivenciou. O proletariado – mais exatamente, os trabalhadores (pois havia entre os revoltosos quase sempre mais assalariados não proletários, camponeses, pequeno-burgueses de todos os tipos, do que proletários na acepção marxiana do termo) contavam fazer desta a última luta, a que daria vida à Internacional, um planeta sem patrões. O último eco dessa onda revolucionária possivelmente tenha sido a vitória dos vietnamitas contra os norte-americanos (1975). Irã e Nicarágua são episódios já isolados, locais. A Argentina de 2001, o norte da África e o Oriente Médio dos nossos dias talvez sejam antecedentes da próxima onda revolucionária que, novamente, talvez, esteja ao alcance de nossas mãos.

Desde 1949, lá se vão já sessenta e três anos. Estas seis décadas compõem o período contrarrevolucionário (no sentido de que o encaminhamento das contradições e conflitos é compatível com o capital) mais intenso e extenso de toda história da humanidade desde o fim da Revolução Francesa. Mais alguns anos e o maior período da história da humanidade sem uma grande revolução terá se estendido por toda uma geração. Os que hoje têm perto de 60 anos viveram os ventos das revoluções pelos livros e pela narrativa dos mais velhos. Os com menos de 140, hoje, sequer conheceram os “mais velhos”. O peso da derrota, na luta de classes, não é o mesmo ao longo dos anos. Quando a derrota é recente, a dor pode ser mais aguda, mas a esperança de que um novo levante revolucionário venha a recolocar a perspectiva comunista na ordem do dia tem lá um grande poder afetivo – e uma não menor capacidade mobilizadora da racionalidade.

Com o passar de muitas décadas sem revoluções, talvez a dor se torne menos aguda. Em compensação, a perspectiva de uma nova revolução vai se tornando cada vez mais distante. Para os revolucionários, por isso, o impacto da derrota se torna maior e mais profundo. Com o passar de muitos e muitos anos, a “normalidade” da vida burguesa começa a entrar na concepção de mundo, passa a ser integrante e interna ao modo pelo qual nos relacionamos com o mundo. A típica personalidade dos bons dirigentes políticos, aqueles com elevada sensibilidade para descobrir, no “compósito de múltiplas determinações”, o fio de Ariadne, é tipicamente a mais impactada por esta situação. A revolução se converte, nesses períodos históricos, em uma possibilidade teórica. No dia a dia, agimos como se ela jamais viesse a acontecer. Para a minha geração, agora ao redor dos 60 anos, as condições para a sobrevivência dos revolucionários foram muito desfavoráveis. Somada ao fato de que por tantas décadas não tivemos revoluções, depois de tantas revoluções derrotadas, há ainda a circunstância de que foram se tornando evidentes muito tardiamente as razões profundas e últimas de tantos e tantos insucessos. Apenas depois de 1995, com a publicação do Para além do capital, de Mészáros, na Inglaterra, as causas fundamentais começaram a ganhar concretude histórica. Antes, as explicações não eram capazes de superar o horizonte mais parcial e, no sentido de não abarcar a totalidade, medíocre. O centro das explicações era ocupado, sempre, pelos erros cometidos pelos outros (dependendo da corrente política, pelos leninistas, ou pelos trotskistas, ou pelos maoístas, ou pelos albaneses, ou pelos stalinistas, e assim

sucessivamente). Claro, em todas as revoluções erros são cometidos. De uma perspectiva dada por um ponto no futuro, os erros evidenciam todas as suas mazelas. Mas o fato de todas as revoluções, sem exceção, terem sido derrotadas – o resultado de todas elas, sem lugar a sequer uma exceção, ter sido uma integração ao mercado mundial, ao sistema do capital, de países antes tão atrasados que sequer de tal integração eram capazes – já era um indício importante de que algo a mais do que os erros particulares desta ou daquela corrente ou concepção revolucionária estava em ação: tratava-se de uma tendência histórica de fundo. Em poucas palavras, a derrota dos intentos revolucionários na primeira metade do século XX era tão inevitável quanto a própria eclosão das revoluções. O imperialismo gerava contradições que colocavam as revoluções na ordem do dia. O capital, contudo, ainda possibilitava o desenvolvimento das forças produtivas em escala nacional, local, de países atrasados que rompessem, através de movimentos revolucionários, com os constrangimentos aos seus desenvolvimentos impostos pelas arcaicas relações de produção pré-capitalistas. A alternativa termidoriana era, ainda, uma possibilidade inscrita no real. Com a colaboração do stalinismo e da social-democracia, é verdade, as revoluções foram contidas nas fronteiras nacionais – mas o stalinismo e a social-democracia apenas puderam exercer esse papel de coveiros das revoluções porque o momento histórico o possibilitava. As forças da revolução, naquelas décadas, ainda podiam ser contidas por ideologias armadas de aparatos políticos e repressivos como o stalinismo e a social-democracia. Uma vez contidas nas fronteiras nacionais, as revoluções, mais rápido do que lentamente, encontravam as suas vias termidorianas: sempre e necessariamente pela expropriação dos trabalhadores e o mais rápido desenvolvimento das forças produtivas. A expropriação dos trabalhadores não pode resultar em outra coisa que em capital – o capital é precisamente tal expropriação. Questão de (pouco) tempo para que as forças produtivas assim desenvolvidas amortecessem a pulsão revolucionária e integrassem o país no concerto das nações pela via do mercado. Da Rússia bolchevique à União Soviética, desta à Rússia atual; da China vermelha à China atual; do Vietnã indomável ao Vietnã atual: Monsieur le Capitalse tornou a conexão universal entre todos os países.

Antes que o início da crise estrutural do capital evidenciasse as causas mais profundas das derrotas das revoluções da primeira metade do século XX, talvez a mais consistente interpretação desse processo tenha sido a de Fernando Claudín, em sua obra-prima *A crise do movimento comunista* (cuja tradução por José Paulo Netto foi recentemente reeditada pela Expressão Popular). Para que a interpretação de Claudín faça sentido, é preciso conceber que, não fossem os equívocos da Internacional Comunista, as revoluções, ao invés de derrotadas, poderiam, ao menos, ter iniciado a transição ao socialismo. A qualidade da investigação de Claudín, todavia, demonstra como, em cada momento decisivo de todas as revoluções, a alternativa nacional, burocratizante e castradora das potências revolucionárias, era a única viável. No longo prazo, tal alternativa significava a inviabilização da transição ao socialismo; no imediato, era a única possibilidade de sobrevivência do poder revolucionário. Claudín não conseguiu tirar a conclusão que sua análise fortemente indicava, isto é, a impossibilidade histórica da abertura da transição ao socialismo entre os anos de 1917 e 1949. A crise estrutural do capital ainda não havia se iniciado e, por isso, essa conclusão ainda não era possível. A conclusão então possível o levou ao Psoe. Não porque se convertera em um reformista da II Internacional, mas porque, segundo ele, nesse campo as possibilidades de avançar a luta revolucionária seriam menos ruins que no campo do stalinismo. A ação da ala extrema esquerda da social-democracia, em episódios como os da Greve de 1936 na França, atraía sua admiração. Nada semelhante, segundo ele, poderia ser encontrado no monolitismo stalinista.

A conclusão última de Claudín demonstra o quanto a realidade se tornara, para ele, opaca. O que poderia fazê-lo superar os impasses teóricos de sua interpretação da trajetória da IC – a imaturidade objetiva, histórica, das revoluções antes da abertura da crise estrutural do capital – não estava ainda ao seu alcance.

Com o início da crise estrutural do capital, em meados da década de 1970, o gênero humano adquiriu uma nova qualidade. Na prática e na teoria, ao mesmo tempo revogou a possibilidade termidoriana do horizonte da história e evidenciou as razões mais profundas das derrotas das revoluções passadas. Com o novo patamar da crise que se abriu nos anos de 1970, os períodos de expansão econômica que intermediavam as crises cíclicas não mais ocorrerão. O capital em crise estrutural necessita retirar cada átomo de mais-valia que conseguir de todos os cantos do planeta, a qualquer custo. Das privatizações ao trabalho doméstico, do tráfico de mulheres ao trabalho escravo¹, das guerras ao meio ambiente, nada tem escapado da sanha do capital. Não há mais espaço para que uma revolução, em qualquer país, possa resolver – mesmo e apenas em escala nacional – os problemas do desemprego, do desequilíbrio ecológico, da violência urbana, dos inúmeros “sem” (tetos, comida, terra, família, educação, assistência médica, segurança pessoal, empregos, saneamento urbano, transportes públicos etc. etc.). A via nacional de desenvolvimento das forças produtivas está inviabilizada e, com ela, as alternativas termidorianas.

Se, durante a maior onda revolucionária que a humanidade já conheceu, as derrotas eram inevitáveis e o capital não podia ser superado, hoje, as revoluções que vierem a acontecer não terão alternativa senão seguir seu curso completo até o seu mais profundo esgotamento – pela vitória revolucionária ou da contrarrevolução. Já não se pode mais contar com uma vitória dos revolucionários que seja canalizada para uma alternativa nacional (vale dizer, do capital) de desenvolvimento das forças produtivas.

Nisto reside, em parte, a grandeza de um pensador como Mészáros. Foi ele o primeiro a sistematizar em uma interpretação de mundo a totalidade do século XX: a tornar compreensíveis as derrotas e, ao fazê-lo, possibilitar que a análise dos erros não seja mais do que a necessária análise dos equívocos. As razões mais profundas das derrotas passadas não residem neles, mas no fato de o capital ainda não haver entrado em sua crise estrutural. Os erros e as traições certamente existiram e não devemos deixar de tirar todas as lições que pudermos. O fato de não terem sido as causas mais profundas de tantas derrotas não diminui o peso histórico dos equívocos: as derrotas eram inevitáveis, o que poderia ter sido evitado foi a forma pela qual os revolucionários viveram as derrotas. A atitude predominante, a de fazer da necessidade, virtude – a tese do “socialismo real” é algo bem típico – não possibilitava que os revolucionários explicassem as derrotas a si e às massas trabalhadoras. Ao contrário. Ao invés de fazer ciência, passamos a fazer propaganda. A história, em poucas décadas, se tornou algo impenetrável para os comunistas: vivíamos de fantasias e crenças mais do que da compreensão científica do mundo. Na nossa relação com os trabalhadores, não levávamos uma interpretação científica (no sentido de Marx, não do positivismo) do mundo, mas um “falso socialmente necessário” (Lukács). Nossos “princípios políticos” passaram a dirigir nossa “ciência”. Zdanov suplantou a Marx.

A derrota não precisaria ter essa consequência. Radek, o maior dos panfletários russos, foi profético. Se a revolução fosse derrotada, disse ele, se levantaria como a Fênix de suas próprias cinzas. Se a revolução fosse enterrada pelos próprios revolucionários, contudo, gerações passariam até as novas revoluções. A conversão, pela propaganda e pela falsificação da história, das derrotas em vitórias, fez não apenas os revolucionários perderem o norte (algo, por si só, já muito grave), mas também desacreditarem o socialismo e o comunismo frente aos trabalhadores. As derrotas não eram evitáveis, mas elas não precisariam ter a consequência ideológica que tiveram. A burguesia colheu uma

vitória muito maior do que a por ela plantada, porque contou também com a colaboração dos revolucionários. Se houve algo sobre o qual os burgueses mais reacionários, a social-democracia mais conservadora, trotskistas e stalinistas mais radicais coincidiam era neste ponto: a URSS era o socialismo, o socialismo seria a ordem soviética. Fazer da necessidade, virtude; converter, pelo discurso falsificador, a derrota em vitória, é a parte de responsabilidade que cabe aos revolucionários na vitória da burguesia que já perdura por tantas décadas.

Carlos Nelson Coutinho faz parte dos mais velhos entre os mais velhos de nós: não teve a fortuna de ter a energia vital imprescindível para remover os alicerces de sua visão de mundo quando, na teoria, novos fundamentos se tornaram disponíveis. Compreender que as derrotas das revoluções entre 1917 e 1949 eram inevitáveis porque as condições materiais para a superação do capital ainda não estavam dadas, era algo que estava muito além do, para o meu amigo, possível. As derrotas só poderiam ser explicadas a partir dos antigos alicerces, dos erros e equívocos políticos. Carlos Nelson, como tantos, encontrou a sua explicação na esfera da ideologia: as “sociedades civis gelatinosas” do “oriente” e as concepções ideológicas centralistas, autoritárias, jacobinas ou blanquistas que o leninismo introduziu na III Internacional seriam as causas últimas das derrotas das melhores revoluções que a humanidade até hoje pôde empreender. Com a radicalidade teórica que lhe era peculiar, Carlos Nelson postulou a única correção revolucionária de rumo que tal concepção de mundo possibilita: contra as tendências autoritárias do comunismo enquanto movimento revolucionário mundial, a democracia como valor universal.

O equívoco era completo, pois o ponto de partida era ilusório. Não foram os “valores” da ideologia revolucionária as causas profundas dos “descaminhos”. O aspecto fundante não estava na esfera ideológica, mas em um atraso secular que pôde encontrar, em um capitalismo que ainda não conhecia sua crise estrutural, uma via nacional ao desenvolvimento de suas forças produtivas, tornando assim as tendências autoritárias, centralistas, termidorianas, para ser breve, a melhor e mais adequada expressão ideológica deste desenvolvimento nacional hiper tardio.

Carlos Nelson fez parte de uma geração que não pôde colher os frutos teóricos (pois as derrotas, sem deixarem de ser derrotas, também ensinam) das derrotas revolucionárias. Como alguma explicação é sempre imprescindível, a que foi capaz de elaborar foi portadora de uma radicalidade sem limites: contra o autoritarismo, os valores democráticos. A radicalidade é sempre admirável – essa uma qualidade excepcional de Carlos Nelson – mas não garante a veracidade de uma teoria.

Os que nasceram em meio à crise estrutural talvez possam vir a avaliar o impacto afetivo da perda do poder explicativo de uma concepção revolucionária se vierem a vivenciar um ascenso significativo das lutas de classe. Até lá, poderão talvez imaginar a sensação desesperadora e de solidão que imediatamente substitui o sentido de coparticipação e responsabilidade coletiva que fornece um projeto revolucionário. Carlos Nelson era já dirigente formado e personalidade madura quando a evolução da URSS demonstrava de modo cada vez mais claro que, “daquela moita, não sairia coelho” (a expressão era dele). Essa constatação, sua concepção de mundo lhe possibilitava. Mas não o deixava ir muito além. Chegou a ver aspectos positivos (no sentido de evolução em direção ao socialismo) em Gorbachev, viu possibilidades no Psol. Tal como para Claudín e tantos outros, o mundo se tornara opaco para meu amigo e suas opções políticas eram, agora, inseguras e de curto prazo. Muitos, na mesma situação de Carlos Nelson, migraram para o campo do liberalismo, do PSDB ou do jornal O Estado de São Paulo. Carlos Nelson cavou um lugar na academia e resistiu, nesse terreno infértil, como pôde. E o fez bem: que a edição das obras de Gramsci não me deixe mentir.

II

Isto nos conduz a um segundo aspecto: o quanto de leninista tinha Carlos Nelson. Foi um indivíduo incorruptível. Para Lenin, o comunista deveria ser incorruptível como Robespierre – Ulianov nunca teve maior admiração por Danton. Na avaliação da revolução bolchevique, é muito provável que Carlos Nelson se aproximasse mais de Kautsky do que de Lenin. Na luta política cotidiana, via alguns méritos em teses habermasianas e terminou se acercando de vários social-democratas, dos petistas do final do século ao Psol. Sua trajetória política não foi excepcional: muitos dos comunistas do passado fizeram a crítica da experiência revolucionária no mesmo horizonte de Carlos Nelson e terminaram em um campo mais propriamente petista/democrático do que comunista. O excepcional de Carlos Nelson é que esta trajetória política não teve correspondência em uma decadência de sua individualidade, de sua conexão, enquanto indivíduo, com o gênero humano. Era preciso conhecer um pouco melhor Carlos Nelson para compreender o que, na minha experiência pessoal, era, no início, um paradoxo: como um intelectual que defendia os valores da democracia com tal radicalidade que chegava a negar o caráter de classe de tais valores podia se conceber e se apresentar publicamente como comunista? Este foi um dos maiores sustos pessoais de minha parca convivência com Carlos Nelson: como poderia se conceber como comunista uma pessoa com suas posições políticas? Com sua interpretação do movimento revolucionário? Não poderia, eu garanti a mim mesmo, num primeiro momento. O engano foi se revelando ao conhecer melhor sua pessoa e perceber como cultivava e mantinha uma profunda, tanto ideológica quanto afetiva, identidade com o gênero humano e com a luta por uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, sem classes sociais e sem patriarcalismo. Defendia que não seria possível superar o Estado e a política – uma consequência necessária da democracia ser um valor universal. Mas não tinha dúvidas quanto à necessidade de superarmos a propriedade privada, as classes sociais e o patriarcalismo.

Foi sobre este terreno que a radicalidade (levar tudo às últimas consequências do ponto de vista teórico) que lhe era peculiar alicerçou o imprescindível para evitar que passasse pela decadência pessoal da maior parte de sua geração. Pois esta é uma das consequências mais tristes das derrotas: os períodos contrarrevolucionários são celeiros para a criação de covardes; são os cenários em que imperam os medíocres e os traidores. O quanto o movimento ascendente das massas contribui para despertar o que de melhor têm os indivíduos, o movimento de descenso e recuo favorece para que predomine nas individualidades o que elas têm de mais medíocre, humanamente pobre e desprezível. Robespierre para o ascenso e Fouché para o declínio – talvez seja uma “regra geral” dos processos de individuação em tempos como os nossos.

Pensem na geração de petistas hoje a serviço do capital, muitos no poder. A degenerescência pessoal... Sobre isso nem é preciso se estender.

Há não muitos anos atrás (aos 60 anos, uma década não parece mais um tempo tão longo!), tive meu primeiro embate teórico sério com Carlos Nelson (infelizmente, só tivemos um depois desse, já não tão sério na forma ainda que talvez mais grave no conteúdo). Foi em Recife. Fomos todos de Alagoas a um seminário dado por Carlos Nelson sobre o problema da transição (se não me falha a memória, eram os anos em que o Para além do capital estava tendo as primeiras repercussões em nosso país). Foram dois ou três dias. Ao final, eu já não me aguentava. Com o meu peculiar pavio curto, a minha imensa capacidade de dizer o que não se deve e nas horas mais inapropriadas, minha expressão facial deveria ser tão translúcida que Carlos Nelson me provocou a intervir. Tinha decidido que não o faria. Tinha tomado a mais séria resolução da minha vida que ficaria calado. Sabia que minha intervenção seria tudo, menos equilibrada e sensata... Mas o

Carlos Nelson, com sua generosidade e respeito para com os que dele divergem, cedeu a tribuna. Não resisti.

Não me lembro dos detalhes da minha fala, apenas do eixo: como seria possível tratar da transição ao comunismo, restringindo-se apenas à esfera da política e da subjetividade, sem sequer mencionar o grave problema das forças produtivas, da transição do trabalho proletário ao trabalho associado? A questão, convenhamos, não era inteiramente descabida. Contudo, as expressões de horror da Cristina Paniago e das outras camaradas de Maceió indicavam que, no mínimo, na minha forma atabalhoada, enfurecida e raivosa, eu provavelmente deveria ter cometido gafes equivalentes a trazer a honra da progenitora de Carlos Nelson ao debate. Foi uma tragédia completa. Cercado por gramscianos, fui massacrado pelos quatro quadrantes. O de economicista foi o epíteto mais gentil com que fui agraciado. Não é difícil imaginar o que se sucedeu.

Carlos Nelson, sentado na mesa da qual dera o seminário, olhava-me com nítida compaixão. Ao fim, fez uma pequena intervenção reconhecendo que havia, de fato, diferenças entre “os lukacsianos”, gentilmente se colocando ao meu lado na admiração pelo filósofo húngaro. Foi esta a maneira que encontrou de se colocar ao meu lado, naquele momento, sem ter que recuar em suas posições ou ter que se aproximar das minhas.

Naquela mesma noite tivemos um dos famosos jantares no apartamento da Ana Elisabete Mota. Todos presentes, Carlos Nelson de um lado da mesa, eu do outro lado. Um clima meio pesado, naturalmente. Vinhos, boa comida, lá pelas tantas o debate da tarde entrou na conversa. Afundei na cadeira e queria um buraco no chão para escapar para o apartamento de baixo... qualquer coisa, menos outra rodada como a da tarde. Reuni todas as minhas forças, Cristina ficou terrivelmente séria, Gilmaísa Macedo e Norma Alcântara, na ponta da mesa, aguardavam o pior.

Carlos Nelson me salvou. Ana Elisabete observou como minhas impropriedades na tarde, fosse ela a conferencista, a teriam levado a me destruir e ela não entendia a postura tão soft de Carlos Nelson. Ele olhou sério para ela e soltou uma pérola, para mim inesquecível: “Mas, Bete, eu não queria destruir o Serginho!” Esta cena, para mim, representa bem o caráter leninista-incorruptível da personalidade de Carlos Nelson. Entre dois comunistas que divergem, não cabe o que é a regra na academia: os comunistas não se massacram, antes se ajudam. No terreno pantanoso (no sentido ideológico do termo) da academia, em que cada um luta contra todos por um lugar ao sol na burocracia (poucas coisas podem ser mais medíocres e pobres na existência de um indivíduo que as pugnas acadêmicas), Carlos Nelson não perdeu o norte. Entre os comunistas, nada havia a ser ganho da “destruição” de outro comunista, não importa qual a divergência. Nem é preciso comentar como uma individualidade deste naipe jamais tirou vantagens pecuniárias de qualquer tipo de suas posições políticas: nisto, Carlos Nelson era muito mais leninista do que milhares de autodeclarados leninistas.

Nosso segundo embate foi muito mais duro e, ao mesmo tempo, ameno. Eu já estava mais maduro e seguro. Conhecia Carlos Nelson há mais tempo. Já o admirava profundamente em meio a todas as nossas divergências, que pareciam crescer com o tempo (eram momentos em que ele ainda ensaiava uma síntese da Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas, com a política em Gramsci e a ontologia lukacsiana, intento depois abandonado por ele, como anunciou no Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, em 2010). Fui convidado a expor minha investigação acerca da distinção entre o proletariado e os trabalhadores no Livro I de O capital, na Escola de Serviço Social da UFRJ e o Carlos Nelson e Andréa Teixeira passariam por lá para irmos jantar. Chegaram mais ou menos no meio da minha exposição e, em minutos, Carlos Nelson estava furioso!

Indignou-se profundamente! Como seria possível falar do proletariado no Livro I sem considerar os Livros II e III? Que o proletariado fosse apenas a classe produtora do “conteúdo material da riqueza social”, excluindo dela mesmo os trabalhadores produtivos que não transformam a natureza em meios de produção e de subsistência, essa tese não passava de um absurdo completo para Carlos Nelson. Rapidamente a palestra desandou e se tornou um vívido pingue-pongue entre nós dois: nos momentos mais quentes, sequer escutávamos por inteiro o que o outro dizia. Virou uma discussão de mesa de bar entre dois comunistas que se gostavam. Lembro-me que, no meio daquele tumulto, por um instante, de cima do tablado do auditório do Serviço Social, olhei os presentes (não muitos). Com os olhos estatelados, estavam entre divertidos e horrorizados. Divertidos porque, na academia, assim como nas escolas de crianças e adolescentes, uma briga é sempre uma saudável quebra da embolorada rotina. Horrorizados, porque “aquilo não poderia acabar bem”. Eles nunca haviam presenciado nada semelhante. O que, para mim e Carlos Nelson, era o tratamento sem cerimônia entre dois comunistas que divergiam, na academia era um comportamento inaceitável e desrespeitoso. Imaginavam, com toda certeza, que eu e Carlos Nelson sairíamos dali não apenas inimigos para a vida, mas ainda nos desafiando para um duelo com peixeiras baianas!! Deveriam ter certeza: o jantar havia gorado! O fato é que eu e Carlos Nelson, tensão de uma discussão desta ordem à parte, nos divertimos muito. Saímos abraçados para o jantar, ele se desculpando gentil e desnecessariamente por ter desandado minha exposição e eu lhe agradecendo por ter tornado única aquela palestra. Infelizmente, nunca seria dada a mim outra oportunidade como aquela, que permanecerá, para sempre, muito especial em minha vida.

Não pude dar um último abraço em Carlos Nelson. Sua decisão de se afastar de quase todos, eu não pude senão respeitar. Não quis vir para a homenagem que a Escola de Serviço Social lhe prestou: daria um escândalo molhado em lágrimas. As despedidas são muito duras para mim, as despedidas para sempre são insuportáveis. Restam as lembranças e lições, ambas entre as que mais prezo em minha vida.

Nota 1 Segundo K. Bales (*Disposable People, new slavery in the global economy*. Berkeley: UCA Press, 1999), há hoje mais escravos no mundo do que o total de africanos trazidos para a Europa e Américas durante todo o período escravista.

Sérgio Lessa * Professor da Universidade Federal de Alagoas, filósofo, ensaísta e autor, entre outros títulos, de *O mundo dos homense Trabalho e proletariado*.